

# Deposições intencionais ou naturais? Análise estratigráfica e material do fosso exterior do recinto dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz)

Lucy Shaw Evangelista  
Maria João Jacinto

.....  
Era-Arqueologia, S.A.

“Pior do que mudar de ideais  
é não ter ideias para mudar”

Francis Bacon

## Resumo

Serão apresentados os resultados da revisão estratigráfica e de materiais de um troço parcialmente escavado do fosso exterior do Povoado dos Perdigões e discutidas as possibilidades de interpretação da natureza dos contextos ali detectados.

A possibilidade da formação de depósitos identificados no interior de fossos resultar de acções humanas intencionais e, eventualmente, ritualizadas começa a ser discutida em contextos ibéricos similares aos Perdigões, lançando novas

perspectivas num debate até agora dominado por interpretações materialistas e funcionalistas.

## 1. Introdução

A intervenção de emergência de 1997 no então denominado “Povoado dos Perdigões” seguiu uma linha metodológica cri-

teriosa e coerente em todas as suas fases. A primeira fase consistiu numa prospecção de superfície exaustiva, enquadrada num sistema quadriculado e piquetado de 20m x 20m, tendo-se procedido a levantamentos topográficos completos das diferentes realidades identificadas à superfície, nos 12ha afectados pela surribe efectuada para plantio de vinha. Foi com base nos dados recolhidos nessa fase que se procedeu à selecção dos locais de implantação das sondagens, intervencionadas na fase seguinte. Esta escolha teve como objectivos concretos a aferição do grau de afectação do sítio pelos trabalhos agrícolas, assim como a procura de contextos arqueológicos preservados que permitissem a recolha de dados relativos à cronologia, estruturação e evolução espacial do recinto e respectivo enquadramento na paisagem.

Os princípios metodológicos que orientaram os trabalhos de escavação assentaram nos pressupostos desenvolvidos por Barker (Barker, 1977) e Harris (Harris, 1979), considerando-se a remoção por níveis naturais dos depósitos arqueológicos, tentando seguir a sequência lógica da sua deposição.

Em relação ao Sector 5, a sondagem foi implantada sobre um segmento da UE1, supostamente relacionada com os depósitos que preencheriam o fosso exterior do recinto. Procurava-se, não só conhecer a tipologia e a natureza estratigráfica da estrutura, mas também tentar entender e confirmar uma interrupção do seu curso, perceptível à superfície.

Dadas as dimensões da estrutura e outros condicionalismos, nomeadamente climatéricos, não foi possível atingir a cota de base do fosso e clarificar, em definitivo, a morfologia deste segmento do fosso. Assim, partimos com um conjunto de informações truncadas e necessariamente parciais e de uma base empírica que resulta, sem dúvida, de um trabalho de campo executado com as motivações muito específicas, anteriormente mencionadas.



Fig. 1 – Aspecto final da intervenção no Sector 5

O trabalho foi publicado em 1998 (Lago et ali, 1998), num contexto arqueológico peninsular dividido, em termos de abordagem ao fenómeno Calcolítico, entre um Histórico-Culturalismo ainda resistente e um processualismo puro ou de matriz materialista claramente dominante. No início deste século, e muito por influência tardia do pós-processualismo anglo-saxónico, lançam-se as bases para a tentativa de compreensão desse mesmo fenómeno, nomeadamente dos

recintos cercados, com base em ferramentas teóricas diferentes (Márquez 2001, 2003, 2006 a e b, Márquez y Fernández 2002, Márquez y Jiménez, no prelo, Valera, 2004)

A publicação de 1998 não é facilmente identificável com nenhuma corrente teórica. Resulta de uma intervenção emergente e procura informar o sítio levantando algumas questões importantes. No entanto, a natureza do trabalho realizado aliado às condicionantes que o cercaram, não deixam muito espaço para problematizações de fundo.

Onde reside, então, o verdadeiro interesse de recuperar e reanalisar o registo arqueológico de uma área específica intervencionada em 1998? Na revisão do trabalho realizado no sector 5 do Complexo Arqueológico dos Perdígões, condicionado, no momento da sua execução, por objectivos e questionários muito específicos; na reutilização dos dados empíricos então obtidos, procurando testar alguns pressupostos teóricos desenvolvidos à luz de uma abordagem aos fenómenos dos recintos com fossos de cariz pós-moderno que tem recentemente tomado forma na Península Ibérica e, finalmente, na avaliação, não tanto da legitimidade de tal exercício, mas das reais possibilidades da sua execução.

Acreditamos que a mudança de enfoque na análise dos dados relativos a estes espaços cercados, permitida por novas ferramentas teóricas, vem enriquecer e alargar as possibilidades interpretativas para estes sítios. Mas também acreditamos que tais abordagens devem partir de bases de trabalho empíricas, concretas e sedimentadas, que possam legitimar as hipóteses apresentadas.

## 2. A discussão teórica

A verdade é que o debate em torno dos recintos com fossos na Península Ibérica está mais aceso do que nunca. As tradicionais interpretações funcionalistas (p.e. Ruiz Mata, 1983; Fernández y Oliva, 1985, Martín de la Cruz, 1985; 1986; Hurtado, 1991) e materialistas, (p.e. Lizcano *et alii.*, 1991-92; Lizcano, 1999; Zafra *et alii.*, 1999; Nocete, 2001, DiAZ-DEL-RIO, 2008), confrontam-se agora com uma nova linha de abordagem, pelo menos para a Península Ibérica, onde os ecos de tais desenvolvimentos teóricos tiveram uma repercussão tardia, de paradigma mais pós-moderno.

Ambas as perspectivas partem da mesma evidência arqueológica e apresentam, de uma forma geral, abordagens generalizadoras ao fenómeno dos recintos cercados no Sul da Península Ibérica.

De um lado, mais materialista, o registo arqueológico para o Calcolítico surge como prova de um processo paulatino de complexificação social, onde o conflito e sistemas de coerção têm um papel essencial para explicar não só a hierarquização do povoamento das áreas regionais abordadas, como o carácter inegavelmente planeado e organizado dos sítios conhecidos. Do outro, marcadamente pós-processual, a discussão é centrada na importância simbólica e ritual destes locais como cenários de práticas intencionais específicas.

Uma comunicação recentemente apresentada no âmbito do

UISPP, em Setembro de 2006 por José Marquez Romero e Víctor Jiménez salienta dez pontos essenciais para uma nova compreensão destes recintos (ver Marquéz Romero e Jiménez, 2008)

De forma necessariamente sucinta, pode dizer-se que esta linha interpretativa procura retirar estes sítios da sua escala de abordagem tradicional, marcadamente regional e transportá-los para uma escala de abordagem mais vasta, atendo às óbvias semelhanças formais entre as centenas de sítio de natureza contextual similar, espalhados por vastas regiões da Europa.

A discussão sobre a denominação dada a estes lugares é bem sintomática na distinção que implicitamente é feita sobre a natureza deste fenómeno e torna-se relevante na exacta medida em que materializa uma vontade de mudança na interpretação destes sítios: a rejeição do termo “povoados de fossos”, típica das abordagens processuais mais ou menos materialistas é apresentada como uma categoria analítica demasiado redutora e a adopção da designação de “recintos de fossos”, ao mesmo tempo que não se compromete com nenhum funcionalismo indesejado, assume-se também como categorização temporária, que o tempo se encarregará de validar.

Uma das premissas centrais da proposta interpretativa em análise prende-se com a convicção de que a constituição destes sítios resulta do cruzamento de duas tradições europeias milenares: a construção de recintos circulares e a deposição estruturada e intencional de bens e objectos. Para os autores, este cruzamento parece atingir o apogeu, no Sul da Península Ibérica, durante o Neolítico Final/ Calcolítico com a construção de recintos com fossos. A amplitude desta afirmação engloba quase todos os casos de recintos com fossos conhecidos no Sul da Península, entre os quais se enquadra os Perdigões.

A intenção de delimitar um espaço de forma estruturada e intencional parece querer revelar-se como mais do que uma consequência do desenvolvimento de modelos sociais e arquitectónicos proto-urbanos. A tradição de práticas deposicionais intencionais remontando ao Mesolítico, obriga-nos a pensar a natureza de tais actos e, no caso dos enchimentos de estruturas negativas, em estratégias de abandono muito específicas, ligadas a rituais de “fim de vida” dos lugares (Valera, 2003).

A questão da cronologia, embora genericamente correcta, padece de uma análise mais aprofundada. Se é verdade que, para o sul peninsular, não há registo de ocupações continuadas destes locais depois do fim do Calcolítico e da fase campaniforme, é necessário reflectir sobre o significado de cronologias como as conhecidas para Mas d’Is onde a construção de recintos com fossos monumentais fazem recuar as datas mais antigas para este fenómeno, tradicionalmente do Neolítico Final para o Neolítico Antigo (Bernabeu *et al.* 2003;).

Perante esta nova constatação do registo arqueológico na Península Ibérica caem por terra algumas das considerações mais estruturais da escola processual e Materialista:

como lidar, no V milénio AC com a ideia de centralidade de “povoados” proto urbanos, indicadores claros de índices de complexidade de sociedades que, claramente sedentarizadas, criaram, nos territórios que dominavam, mecanismos de coerção e desigualdade social e política?

Não é objectivo deste artigo discutir aprofundadamente todas as categorias analíticas consideradas no novo paradigma pós-moderno aplicado ao sul da Península Ibérica. Centrar-nos-emos, ao invés, em duas delas: a da Formação e a da Deposição tendo em mente, precisamente, o facto destas novas ferramentas conceptuais desenvolvidas para a interpretação dos recintos de fossos na Península Ibérica, ainda não terem saído de um âmbito estritamente teórico e padecerem da falta de uma base empírica.

Somos assim confrontados com um problema interessante. O da possibilidade, ou não, da reanálise de um conjunto de dados provenientes de uma intervenção arqueológica à luz de um conjunto de ferramentas teóricas diferentes das que suportaram a intervenção original. Cada escavação arqueológica e os dados ou registo realizado são sempre interpretações, mesmo que sigam eficientemente um programa metodológico. Uma reinterpretação dos dados à luz de outro questionário pode não ser possível numa fase posterior aos trabalhos de campo desenvolvidos. Podem perder-se certas associações importantes, estratigráficas e materiais ou desvalorizar-se aspectos específicos que podem, na altura, parecer irrelevantes. De alguma forma, há sempre um acto de criação inerente a uma escavação arqueológica; as contingências do investigador “moldam” a realidade encontrada.

Em termos muito genéricos, a ampla escala de aplicação dos pressupostos de análise pós-moderna discutidos neste texto permitem integrar os Perdigões num determinado universo. No entanto, a análise mais aprofundada das questões relacionadas com as especificidades dos contextos escavados, fazem sobressair aspectos que destoam do modelo interpretativo.

### 3. Processos de formação do registo arqueológico

Uma das principais características comuns apontadas à generalidade dos recintos cercados analisados no âmbito da nova abordagem pós-moderna ibérica é a de uma aparente semelhança relativamente aos respectivos processos de formação dos contextos arqueológicos. Assim, a assimetria entre a enorme presença dos conjuntos de cultura material registados no interior das estruturas escavadas e a ausência inesperada de vestígios materiais nos depósitos assentes sobre o substrato geológico onde tais estruturas foram escavadas, é explicada como resultando de um sistema de gestão de detritos que envolveria a sua deposição intencional, através de práticas de “limpeza” específicas, levadas a cabo no final do ciclo de vida dos lugares, apontando para práticas de abandono dos sítios, de cariz vincadamente ritual (Marquez, 2006).

Recintos como o Cabeço do Torrão (Elvas) ou Santa Vitória (Campo Maior), apresentam implantações sobre-elevadas na paisagem e depósitos assentes sobre a rocha com potências estratigráficas, de escassas dezenas de centímetros. Esse tipo de locais, parece ter estado sujeito, durante milénios, a processo de erosão natural e de acção antrópica, favorecendo-se a presença, quase exclusiva, de materiais arqueológicos integrados nos depósitos que preenchem as estruturas negativas.

Nestes casos, a natureza dos recintos e das actividades que ali tiveram lugar, aliadas à sua posição específica na paisagem e aos naturais processos tafonómicos a que foram sujeitos podem contribuir para a formação de realidades interpretadas como intencionais e de encerramento dos sítios. No entanto, a situação registada nos Perdígões parece contradizer esta tendência.

A natureza da intervenção arqueológica nos Perdígões em 1997 condicionou a actuação ali levada a cabo. Urgia avaliar as reais potencialidades científicas e patrimoniais do local e definir o grau de afectação dos contextos. Os cinco sectores de escavação definidos tiveram em conta as informações recolhidas durante as prospecções. Procurou-se assim implantar as sondagens em locais com informação minimamente segura relativamente à potência de terras preservada, à existência clara de estruturas como fossos, estruturas habitacionais ou pétreas.

Aqui se confirmou, através de uma intervenção parcial, a presença de um grande fosso com mais de 3 metros de profundidade, uma largura de 8 metros no seu topo e uma interrupção no seu percurso, registada e interpretada como acesso ao interior do recinto.

Uma cuidada fase de prospecção e as várias sondagens realizadas revelaram uma situação oposta àquela registada nos pequenos recintos mencionados. Para além de uma implantação topográfica encaixada entre vertentes, pouco propícia à dispersão de materiais, e apesar da enorme surribo a que o sítio foi sujeito, a verdade é que foram arqueologicamente registados, nas camadas de aterro exteriores às várias estruturas negativas registadas, depósitos contextualizados e *in situ*. Estes depósitos apresentavam uma enorme quantidade de material arqueológico heterogéneo, tal como foi registado no troço do fosso exterior intervencionado.

Assim, e com base no registo de campo relativo à intervenção de 1997, não se pode afirmar que os contextos intervencionados se relacionem com uma prática intencional de limpeza do espaço do recinto, em fases imediatamente anteriores à do seu abandono. Apesar do enorme revolvimento sofrido aquando da surribo, a detecção de elementos e contextos arqueológicos *in situ*, ou remobilizados, apontam para uma larga utilização do espaço cercado, para fins vários e para uma aparente ausência de intencionalidade em relação à forma como esses vestígios de ocupação do sítio foram deixados. Não pode, evidentemente, ser descartada a possibilidade de noutros sectores do recinto, se virem a encontrar evidências de tais práticas.

O que parece ficar claro é que uma excessiva generaliza-

ção teórica em relação aos fenómenos ocorridos no fim da vida destes lugares comporta problemas, na altura da sua confrontação com os dados empíricos. Aliás, tal situação revela-se como um dos principais problemas das abordagens pós-processuais: a vontade de ultrapassar o paradigma da Nova Arqueologia de orientações teóricas práticas centradas exclusivamente nos fenómenos reais, ou seja, nos fenómenos reconhecíveis mediante a observação directa dos dados arqueológicos, leva muitas vezes a esta discrepância entre o pensado e a realidade objectiva.

#### 4. Estratigrafia e deposições intencionais

Analisemos agora uma outra premissa estrutural para o desenvolvimento da linha de investigação que aqui procuramos testar: a de que os artefactos encontrados nos enchimentos das estruturas negativas são resultantes de actos de deposição deliberados estruturados segundo um protocolo e sujeitos a um conjunto de regras simbólicas. Apesar de não haver muitos dados disponíveis são apontadas algumas associações e presenças óbvias de materiais nestes contextos (Marquez e Jiménez, 2006):

- As estruturas negativas são preenchidas de uma só vez ou numa sequência de actos de forma a torná-las invíveis à superfície
- Os depósitos de enchimento normalmente contêm fragmentos de cerâmica, lâminas, instrumentos em sílex, restos de talhe e mós partidas. As formas cerâmicas encontradas são normalmente grandes, abertas e são normalmente partidos antes da deposição, sendo raras as formas encontradas inteiras. Quase não se encontram fragmentos cerâmicos decorados
- Aparecem geralmente enormes quantidades de fauna desarticulada que pode ou não encontrar-se estruturada por pedras ou elementos de mó fragmentados. Podem surgir em camadas articulados alternados por camadas em que surgem desarticulados
- É também comum o surgimento de ossos humanos nestes depósitos que parecem não ser sujeito a nenhum tratamento diferenciado em relação aos outros elementos depositados. Não são acompanhados por objectos e podem aparecer em articulação ou desarticulados.

O confronto destes dados com a informação disponível para o Sector 5 dos Perdígões mostra-nos o seguinte:

- A observação da estratigrafia do troço de fosso escavado parece apontar para a sedimentação natural desta estrutura escavada na rocha, alternando entre depósitos de terra integrando grande quantidade de material heterogéneo e alguns níveis de derrube compostos por pedras de grande e média dimensão, conforme registado durante a intervenção “*Como encheu, porquê, se por razões naturais ou em função de entulhamentos*

realizados pelos homens, são dúvidas que só com o alargamento da área intervencionada e o estudo de materiais, incluindo a sua dispersão, poderão ser aclarados.” (Lago et alli, 1997:75).

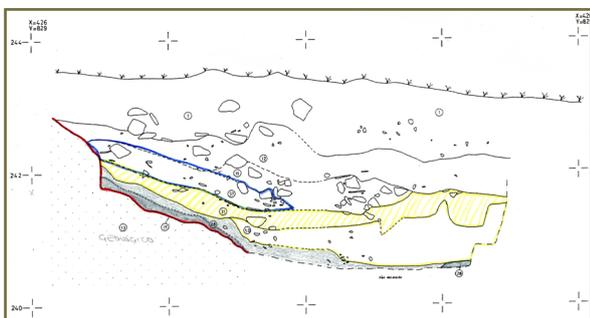


Fig. 2 – Corte Este do Sector 5

- Em relação à cultura material confirma-se a presença de grande quantidade de cerâmica fragmentada (ver Gráfico 2). Da análise morfológica realizada foi possível concluir que a distribuição dos vários tipos de formas e quantidade de recipientes cerâmicos é muito equilibrada (havendo uma ligeira vantagem das formas abertas sobre as mais fechadas) e que se verifica um reduzido número de remontagens, o que permite afirmar que não deverá ter ocorrido a fragmentação intencional de materiais.

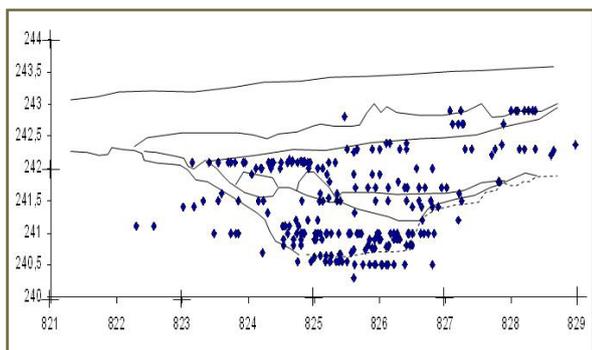


Gráfico 1 – Distribuição de materiais arqueológicos

A presença de líticos e cerâmica decorada é reduzida, assim como a de elementos de mós. Não foi possível nesta re-análise identificar a intencionalidade na deposição de sedimentos ou materiais.

De notar um factor importante, no troço de fosso escavado nos Perdigões foram recolhidos sete fragmentos de cerâmica campaniforme com decoração incisa, dos quais seis pertencem ao mesmo recipiente, provenientes de unidades estratigráficas depositadas a meio do processo de enchimento desta estrutura negativa, o que contraria a ideia de Marquéz Romero (2008) de que a colmatação das estruturas negativas destes recintos terá ocorrido na maioria dos casos em fases anteriores ao aparecimento das primeiras evidências de cerâmica campaniforme.

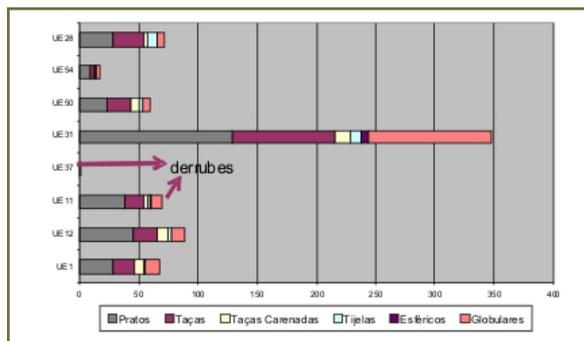


Gráfico 2 – Número de fragmentos cerâmicos

- Regista-se a presença de uma grande quantidade de fauna ao longo de todos os depósitos de enchimento da estrutura – a amostra recolhida não foi analisada de forma sistemática pelo que seria prematuro avançar com dados sobre a questão.
- Não foram detectados quaisquer vestígios de ossos humanos no troço escavado no Sector 5 nem em nenhuma das outras sondagens efectuadas no recinto.

## 5. Nota final

A utilidade de um exercício como o proposto por este artigo é limitada. Mas não se revela, de todo, inútil. Apesar de se partir de uma realidade truncada, quer pela natureza da própria escavação, não terminada, quer pelas características do trabalho levado a cabo, obtiveram-se alguns resultados interessantes.

Parece poder dizer-se, que pelo menos até certo ponto, a re-análise de material arqueológico pode apresentar dados válidos, quando estudados à luz de uma nova perspectiva funcionando como forma de validação da mesma. No caso dos Perdigões o confronto da base material empírica conhecida com as novas linhas de interpretação utilizadas revela, por um lado, a necessidade de um certo regresso ao estudo de contextos arqueológicos específicos, evitando generalizações perigosas, que nem numa escala ampla podem ser consideradas verdadeiras. Por outro alerta-nos para a necessidade de um olhar mais crítico, de um questionário mais alargado, com lugar para outras hipóteses interpretativas orientadoras do trabalho de campo.

Parece-nos evidente que em muitos aspectos, os Perdigões partilham semelhanças formais profundas com outros grandes recintos da Península Ibérica. É, no entanto, na especificidade de cada contexto, na sua fenomenologia que podemos encontrar a identidade própria de cada lugar.

## Bibliografia:

- BARKER, P. (1977), *Techniques of Archaeological Excavation*, London, Batsford.
- BERNABEU, J.; OROZCO, T.; DÍEZ, A. GÓMEZ, M. y MOLINA, F.J. (2003): "Mas D'Is (Penàguila, Alicante): Aldeas y recintos monumentales del Neolítico Inicial en el Valle del Serpis." *Trabajos de Prehistoria* 60, (2), pp. 239-259.
- BURGESS, C. et alli (eds.), (1988), *Enclousures and defences in the Neolithic of western Europe*. Oxford, British Archaeological Reports International Series, 2 vols, 403(i) e 403(ii)
- DARVILL, T. & THOMAS, J. (eds.), (2001), *Neolithic Enclousures in Atlantic Northwest Europe*, Neolithic Studies Group Seminar Papers 6, Oxford, Oxbow Books.
- DIAZ-DEL-RIO, P. (2008), "El Contexto Social De Las Agregaciones De Población Durante El Calcolítico Peninsular", *Era-Arqueologia*, nº8.
- EVANGELISTA, Lucy Shaw (2003), *O complexo arqueológico dos Perdigões e a construção da paisagem em Reguengos de Monsaraz*, Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Arqueologia, FLUP, (policopiado).
- FERNÁNDEZ, J. y OLIVA, D. (1986): "Valencina de la Concepción (Sevilla). Excavaciones de urgencia". *Revista de Arqueología*, 58, pp.19-33.
- HARRIS, E. (1979), *Principles of Archaeological Stratigraphy*, London, Academic Press.
- LAGO, M., DUARTE, C., VALERA, A., ALBERGARIA, J., ALMEIDA, F. E CARVALHO, A. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 1 nº 1, Lisboa, pp. 45-152.
- LAGO, MIGUEL, (2003), "Arqueologia em construção e o complexo arqueológicos dos Perdigões", *Recintos murados da Pré-História Recente* (S.O. Jorge coord.), Porto-Coimbra, DCTP/CEAUCP, p.225-240.
- LIZCANO, R. (1999): *El Polideportivo de Martos (Jaén): un yacimiento neolítico del IV milenio a.C. Nuevos datos para la reconstrucción del proceso histórico del Alto Guadalquivir*. Obra social y Cultural Cajasur, Córdoba.
- LIZCANO, R.; CAMARA, J.A.; RIQUELME, J.A.; CAÑABATE, M<sup>o</sup>. L.; SANCHEZ, A. y AFONSO, J.A. (1991-92): "El polideportivo de Martos. Producción económica y símbolo de cohesión en un asentamiento del Neolítico final en las campiñas del Alto Guadalquivir". *Cuadernos de Prehistoria de Granada*, nº 16-17, pp. 5-101.
- MÁRQUEZ, J. E. (2001): "De los campos de silos a los agujeros negros: Sobre pozos, depósitos y zanjas en la Prehistoria Reciente del Sur de la Península Ibérica." *Spal Revista de Prehistoria y Arqueología* 10, pp. 207-220.
- MÁRQUEZ, J. E. (2003): "Recintos Prehistóricos Atrincheros (RPA) en Andalucía (España): Una propuesta interpretativa". En Jorge, S. O. (Coord.): *Recintos murados da Pré-história recente*, pp. 269-284.
- MÁRQUEZ, J. E. (2006a): "Sobre los depósitos estructurados de animales en yacimientos de fosos del sur de la Península Ibérica." En Weiss-Krejci, E. (coord.): *Animais na Pré-história e Arqueologia da Península Ibérica, actas do IV Congresso de arqueologia peninsular*, Faro 14-19 Septiembre 2004, pp.15-25.
- MÁRQUEZ, J. E. y JIMÉNEZ, V. (no prelo.): "Ten keys to think Southern Iberian Ditched Enclosures". XVth IUPPS Congress, *actas de la sesión "The idea of enclosure in Recent Iberian Prehistory"*. Lisboa 2006.
- MÁRQUEZ, J. E. y JIMÉNEZ, V.(2008), "Claves Para El Estudio De Los Recintos De Fosos Del Sur De La Península Ibérica", *Era-Arqueologia*, nº 8, Lisboa
- MÁRQUEZ, J.E. (2006b): "Neolithic and Copper Age ditched enclosures and social inequality in the Iberian south (IV-III millennia cal BC)". En Díaz-del-Río, P. y García Sanjuán, L. (eds.), *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*, BAR International Series XXX, pp. 171-187.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J.C. (1985): *Papa Uvas I. Aljaraque, Huelva Campañas de 1976 a 1979*. Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, Excavaciones Arqueológicas en España nº 136, Madrid.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J.C. (1986): *Papa Uvas II. Aljaraque, Huelva Campañas de 1981 a 1983*. Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, Excavaciones Arqueológicas en España
- HURTADO, V. (1991): "Informe de las excavaciones de urgencia en la Pijotilla. Campaña de 1990". I Jornadas de Prehistoria y Arqueología en Extremadura (1986-1990). *Extremadura Arqueológica*, II. Mérida-Cáceres, pp. 45-67.
- NOCETE, F. (2001): *Tercer milenio antes de nuestra era. Relaciones y contradicciones centro/periferia en el Valle del Guadalquivir*. Bellaterra, Barcelona.
- RUIZ MATA, D. (1983): "El yacimiento de la Edad del Bronce de Valencina de la Concepción (Sevilla) en el marco cultural del Bajo Guadalquivir". *Actas del I Congreso de Historia de Andalucía*, pp. 183-208.
- VALERA, A.C. (2003a): "Movilidade estratégica e prolongamento simbólico: problemáticas do abandono no povoamento calcolítico do occidente peninsular". *ERA-Arqueologia*, 5, pp. 126-149.
- VALERA, ANTONIO CARLOS, (2003b), "A propósito de recintos murados do 4º e 3º milénios AC: dinâmica e fixação do discurso arqueológico", *Recintos murados da Pré-História Recente* (S.O.Jorge coord.), Porto-Coimbra, DCTP/CEAUCP, p.149-168.
- VALERA, A.C. (2004): "A propósito de recintos murados do 4º e 3º milénios a.C: dinâmica e fixação do discurso arqueológico". En Jorge, S. O. (coord.): *Recintos murados da Pré-história recente*, pp. 149-168.
- VALERA, A. C. LAGO, M., DUARTE, C., DIAS, M<sup>o</sup> I. E PRUDÊNCIO, M<sup>o</sup> I. (no prelo), "Investigação no complexo arqueológico dos Perdigões: ponto da situação de dados e problemas", comunicação apresentada ao 4º Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, 2004.
- VALERA, A.C., LAGO, M., DUARTE, C. E EVANGELISTA, L.S. (2000), "Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo", *ERA Aqueologia*, 2, Lisboa, ERA/Colibri, p.84-105.